

ARQUITETURA E PSICOLOGIA: A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO FÍSICO NO ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL TEMPORÁRIO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

ARCHITECTURE AND PSYCHOLOGY: THE IMPORTANCE OF THE PHYSICAL SPACE IN THE TEMPORARY INSTITUTIONAL HOST FOR CHILDREN AND ADOLESCENTS

¹ BARONE, A. C. M.; ² GOMES, G. F. M.

^{1 e 2} Departamento de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Ourinhos - FIO/FEMM.

RESUMO

O presente projeto tem por objetivo apresentar um novo espaço projetual para uma instituição de acolhimento onde abrigam um público infanto-juvenil na cidade de Ourinhos/SP. Para tanto, foi realizado um estudo de caso do local atual onde abrigam essas pessoas, com o intuito de verificar as necessidades da instituição. Assim com base nas informações coletadas no estudo de caso, foi proposto um novo projeto arquitetônico onde as premissas básicas foram elaboradas visando a melhoria das atividades e relações existentes. Dessa forma a construção do projeto arquitetônico em questão foi pautada em um local onde os ambientes possam ser integrados, contribuindo para relação social entre as pessoas, além de auxiliar o corpo de colaboradores nas atividades desenvolvidas diariamente dentro da instituição. Outro aspecto importante na elaboração do projeto foi pensar o abrigo temporário como um ambiente que possa não substituir a casa desse público, mas proporcionar para as crianças e adolescentes, um local aconchegante, receptivo e fértil para o surgimento das potencialidades e singularidades de cada sujeito que integra o abrigo de acolhimento institucional. O referencial teórico utilizado nesse trabalho foi baseado em referências bibliográficas de autores do campo da arquitetura e psicologia.

Palavras-Chave: Acolhimento Institucional. Projeto Arquitetônico. Psicologia. Crianças e Adolescentes.

ABSTRACT

This project aims to present a new design space for a host institution where they shelter a children's and youth public in the city of Ourinhos / SP. Therefore, a case study of the current location where these people are housed was carried out, in order to verify the needs of the institution. Thus, based on the information collected in the case study, a new architectural project was proposed where the basic premises were elaborated aiming at the improvement of existing activities and relationships. In this way the construction of the architectural project in question was based in a place where the environments can be integrated, contributing to social relations among the people, besides helping the staff in the activities developed daily within the institution. Another important aspect in the design of the project was to think of temporary shelter as an environment that may not replace the home of this public, but to provide children and adolescents with a warm, receptive and fertile place for the emergence of the potentialities and singularities of each subject. part of the institutional shelter. The theoretical framework used in this work was based on bibliographical references of authors from the field of architecture and psychology.

Keywords: Institutional Reception. Architectural Project. Psychology. Children and Adolescents.

INTRODUÇÃO

O abandono e a exposição de crianças e adolescentes em situações de risco de vida e social é um fato recorrente desde a antiguidade. Diariamente crianças sofrem com o desamparo familiar, e necessitam vivenciar momentos de ruptura das suas mais próximas ligações de afeto e cuidado. O número de crianças e adolescentes em

condição de vulnerabilidade, que vivem em abrigos institucionais é crescente e no Brasil, são mais de 47 mil segundo dados do Cadastro Nacional de Crianças e Adolescentes Acolhidos (CNCA).

Atualmente, a discussão com relação à importância da infância e juventude não só no país, mas em uma escala global, é colocada em um patamar de prioridades. Segundo a Neurociência, nós seres humanos somos um agregado de características genéticas que herdamos de nossos pais, mas também de influências vividas por intermédio do ambiente em que somos expostos. Dessa forma, é essencial que a criança e o adolescente vivam em um ambiente saudável, sendo ele social e físico, para que possam absorver da melhor forma as experiências de cada fase da vida, que devem ser positivas, para sua bagagem emocional.

A partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - 1990), a proteção integral foi conquistada, a fim de proporcionar desenvolvimento físico, psicológico e social pleno. Dentre as diversas modalidades de atendimento, criou-se a medida de acolhimento, serviço que oferece abrigo provisório para crianças e adolescentes de ambos os sexos afastados do convívio familiar por meio de medida protetiva de abrigo. Dessa forma, o Estado assume papel da família na transmissão dos valores de cidadania, promovendo o direito à saúde, educação, moradia e alimentação dos menores. No entanto, em muitos casos ainda existem instituições que utilizam de práticas equívocas baseadas nas antigas instituições, como orfanatos e internatos, com um atendimento generalizado, despersonalizado, que ao invés de promover, restringe os vínculos familiares e comunitários. Os imóveis em sua maioria são alugados com estruturas extremamente improvisadas, com espaços reduzidos, por consequência disso há também a restrição de algumas atividades pela falta de ambientes apropriados.

A partir desse contexto, surge a questão: como essas instituições devem atender as necessidades físicas e psicológicas das crianças e adolescentes? E de que forma a arquitetura pode colaborar com isso?

O lar interfere em grande medida no desenvolvimento do indivíduo, que passa a maior parte de seu tempo neste local. Dessa forma o cuidado com que as crianças e adolescentes são tratados na entidade, e a qualidade física dos espaços são de extrema importância.

Assim, o objetivo geral do trabalho é desenvolver um projeto arquitetônico de uma instituição de abrigo para a cidade de Ourinhos/SP, que além de atender as

necessidades físicas de espaços e ambientes apropriados para suas atividades, também atenda as demandas de desenvolvimento psicológico.

DESENVOLVIMENTO

ARQUITETURA E PSICOLOGIA

A função principal da arquitetura em primeiro momento é de proporcionar acessibilidade, beleza, sustentabilidade, economia, segurança e conforto. Papel que foi conquistado ao longo das décadas. Após e durante o período do modernismo a arquitetura passa a estabelecer parâmetros idealizando o valor humano, onde a construção cria meios para proporcionar funções como, relações sociais, relação interno-externo com a edificação e as atividades ali dentro exercidas, relação homem-natureza, valorização da não hierarquização de espaços e ambientes, entre outros. Resolvendo assim, de certo modo, os problemas psicológicos e humanos encontrados na arquitetura.

A relação entre psicologia e arquitetura é possibilitada através de uma área denominada Psicologia Ambiental, que tem por intenção colocar em ênfase a relação do ser humano com o ambiente que o rodeia, sendo ele físico e social e definir como é essa troca de percepção do indivíduo com seu meio externo. As características físicas do espaço são priorizadas, pois a ação humana é induzida a modificar-se de acordo com o espaço em que ela está situada. Assim, a insatisfação com o meio ambiente pode contribuir com o surgimento de certas doenças, sendo elas físicas ou mentais. (MOSER, 1998)

O ato de projetar é uma atividade heterogênea, composta por várias responsabilidades, que envolve comprometimento com a concepção da forma e da função do projeto. De modo que, quando construído a arquitetura passa a fazer parte da vida cotidiana das pessoas, afetando assim diretamente seus usuários.

Então, para Moser (1998):

A especificidade da Psicologia Ambiental é a de analisar como o indivíduo avalia e percebe o ambiente e, ao mesmo tempo, como ele está sendo influenciado por esse mesmo ambiente. É fato bastante conhecido que determinadas especificidades ambientais tornam possíveis algumas condutas, enquanto inviabilizam outras. (MOSER, 1998).

Perceber o ambiente não implica em entendê-lo somente como físico, mas sim de compreender elementos subjetivos que trás a arquitetura, como a cor empregada, ou de como a luz natural invade o espaço, ou em como as texturas em madeira proporcionam aconchego e assim sucessivamente. Essas percepções é a principal pela satisfação ou não do indivíduo.

APROPRIAÇÃO ESPACIAL

O ato de apropriar-se de algo ou espaço consiste em um processo psicossocial do indivíduo com seu entorno, por onde o ser humano se lança no espaço, no qual o transforma em uma extensão da sua própria pessoa, criando um lugar chamado de seu. (CAVALCANTE & GUARESCHI 2007). Dessa forma, a apropriação acontece quando o sujeito molda e organiza o ambiente de acordo com as suas necessidades.

O arquiteto juntamente com seu processo de criação, pode conceber condições pelas quais irão conduzir o usuário a criar um maior senso de envolvimento com o meio que esta inserido (HERTZBERGUER, 1999).

Ainda para o autor acima, uma das formas para favorecer essa relação homem-ambiente, quando se trata de um local temporário, como nos casos das instituições de abrigo, é então importante que o espaço seja mutável, através dos moveis e objetos, ate mesmo de paredes divisórias. Essa ação de adequar o espaço conforme sua necessidade permite que o acolhido no caso, sinta-se pertencido ao local.

Algumas das obras que Hertzberguer projetou, possuem um sistema de educação chamado Montessori, que abraça perfeitamente a arquitetura estruturalista do arquiteto. Essas escolas tem por objetivo o aprendizado dinâmico, próprio para estimular com liberdade. O ambiente é adaptado para seu desenvolvimento, conforme as idades das crianças, incentivando assim a sua independência e responsabilidade.

5

Podemos obter como exemplo a escola Montessoriana de Delft na Holanda, onde no pátio do jardim de infância, foi projetada uma cavidade preenchida por blocos em madeira soltos que podem ser modificados compondo diferentes modelos, dando assim a sensação de um vale.

A apropriação espacial é composta de alguns mediadores, como privacidade, territorialidade e aglomeração. Reguladores que são diretamente afetados pela institucionalização, devido a coletividade causada pelo numero de pessoas atendidas (SAVI, 2008).

Dessa forma, podemos especificar cada um desses fatores conforme o pensamento de Savi:

A privacidade é a forma de restringir ou liberar a proximidade que o outro pode ter com relação ao nosso espaço. Sendo assim, o publico infantil tem por necessidade, menos privacidade que o publico adolescente. Onde o segundo, para estabelecer sua privacidade, muitas vezes precisa se trancar no quarto (SAVI, 2008).

Salientando que as instituições de abrigo são ambientes onde a privacidade é comprometida e o mesmo é compartilhado entre os próprios moradores e também funcionários. Desse modo é importante criar alternativas que contribua para a individualidade e privacidade de cada um, oferecendo assim personalização dos ambientes.

A territorialidade é denominada como o sentimento, onde as pessoas estabelecem suas marcas, tomam o espaço como seu e defendem o ambiente onde esta inserido. É comum que o homem queira ter controle sobre o seu ambiente e suas relações sociais. Podendo assim, obter essa delimitação territorial através de moveis ou divisórias.

Já a aglomeração é tomada pela sensação de incomodo, devido ao agrupamento de um número grande de pessoas no mesmo local. O que vai contra ao sentido de privacidade, dificultando a apropriação do espaço. É importante direcionar um olhar para essa questão, pois a aglomeração pode oprimir as crianças e adolescentes situados na instituição, gerando assim problemas de grau psicológico como, desconforto, irritabilidade e depressão.

Enfim, o modo como o ambiente esta organizado terá sempre um significado para a pessoa que o utiliza, oferecendo assim possibilidades para proporcionar a relação de pertencimento do ser humano com o espaço.

PERTENCIMENTO ESPACIAL, IDENTIDADE

A identidade ou pertencimento espacial esta ligada a relações dos vínculos emocionais que criamos ao nos estabelecermos em o nosso meio externo físico e social. Que acontece através de compreensões sobre as proximidades afetivas de pertencimento ao local, que envolve tempo e possibilidades para organiza-lo de forma conveniente (MOURÃO; CAVALCANTE, 2011).

O ser humano constrói sua identidade, através da relação entre as memórias do local conhecido no passado com a realidade do meio físico atual. O que não muda quando se trata de crianças e adolescentes. Sendo assim é importante que os indivíduos institucionalizados estabeleçam contato com a família de origem, com a comunidade e com o próprio espaço do dia a dia (SAVI, 2008).

Para Hertzberguer (1999) a arquitetura necessita oferecer meios ao ser humano para que ele a modifique sempre que achar necessário, valorizando tanto a forma de possibilitar identidade do local para o individuo quanto o contrario, estampar no local a

identidade do morador. Sendo assim a ideia de ambientes específicos ou neutros impossibilitam essa relação.

Ainda sobre os ambientes específicos e neutros, eles são obtidos através da arquitetura funcionalista em que a arquitetura é projetada visando somente a funcionalidade, e sua forma emana da função. Os ambientes projetados por esse estilo produzem falta de eficiência e ausência de identidade. Segundo Hertzberguer,(1999) embora a flexibilidade ofereça possibilidades infinitas, ela não pode ser uma solução única e adequada para tudo.

Também argumenta sobre o funcionalismo:

Tornar a arquitetura mais humana significa criar uma arquitetura melhor, o que por sua vez, implica um funcionalismo muito mais amplo do que aquele com bases exclusivamente técnicas. Esse objetivo só pode ser alcançado por métodos arquitetônicos – pela criação e combinação de coisas técnicas diferentes, de tal modo que elas possam oferecer ao ser humano uma vida extremamente harmoniosa (ALVAR AALTO, pág. 2 1982).

É através da arquitetura planejada com qualidade e técnica que temos o poder de harmonizar os recursos disponíveis e proporcionar aconchego e bem estar ao ambiente. Todavia, quando falamos de técnica ela necessita ser utilizada com cautela para que o ambiente não seja tomado única e exclusivamente de fatores tecnológicos.

ESPAÇO E LUGAR

As noções de lugar e espaço tem por objetivo caracteriza-los de forma que o primeiro trás o sentido físico, construído e o segundo possui sentido subjetivo, abstrato. Pelas palavras de YI FU TUAN (1983) “Espaço e lugar são termos familiares que indicam experiências comuns. O lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. O lugar pode ser desde a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria.”.

Assim, com base no autor anterior, os lugares são meios que possibilitam a vida humana, bem como suas necessidades biológicas (comer, dormir e descansar). Quando não se conhece o ambiente em que se situa, ele tem a princípio noção de espaço, ou seja, subjetivo. Quando passamos a conhecer aquele ambiente ele se torna para nós um lugar. Desse modo, o espaço é convertido em lugar no momento em que ele é apropriado pelo homem.

Para Del Rio (2002), para que se possa definir o lugar, este precisa estar relacionado à qualificação particular que o individuo dá a ele. Desse modo, essa

qualificação pode incluir desde a forma física de um ambiente até sua composição social, podendo nos transferir sentimentos de medo, alegria, ansiedade, indiferença e até nos fornecer memórias.

A princípio, para os bebês a noção de lugar está única e exclusivamente ligada ao ser humano próximo a ela, desse modo, o primeiro lugar para o bebê é seu cuidador. As crianças possuem uma ideia generalizada sobre o espaço e lugar, pois suas referências são limitadas. O desenvolvimento da criança acompanha um período de transição entre essas noções de apego e dependência, que no início é dada através de pessoas, posteriormente de objetos e por fim de lugares (YI FU TUAN, 1983).

Assim, quanto mais desfavorável é o ambiente em que as crianças e adolescentes estão inseridos, maior será o grau de dependência deles, desse modo, retardando o processo de desenvolvimento da autonomia e independência. Por isso, torna-se muito importante entender a relevância que as ações e estímulos lançados ao ser humano nessas fases da vida, (infância e adolescência) causam diretamente em seu processo de crescimento e evolução, e por isso é de extrema importância, direcionar atenção especial às instituições de acolhimento.

Quando as crianças ou adolescentes possuem seus direitos violados, os sentidos de lugar e família são perdidos devido à ruptura das suas relações primárias. Porém, esses sentidos precisam ser resgatados e uma forma de fazê-los promover a socialização dos acolhidos e disponibilizar espaços onde ele se sinta acolhido, para que sua confiança e autonomia sejam devolvidas gradualmente.

Uma alternativa para que a vivência dentro da instituição se torne um pouco mais leve para os acolhidos, é criar ambientes e áreas que permitam a apropriação espacial e construção de identidade. Possibilitando assim o desenvolvimento humano e amenizando seus problemas psicológicos, onde eles tenham a oportunidade de transformar os espaços em lugares.

Sendo assim, as definições de apropriação, identidade e lugar estão completamente entrelaçadas, e são de suma importância para o desenvolvimento humano, em termos de habitação, na sua forma mais pura do termo habitar.

CASA E LAR

Primeiramente, é importante ressaltar que moradia digna é um dos direitos adquiridos com o ECA, das crianças e dos adolescentes. Sendo assim, é de obrigatoriedade do Estado providenciar esse recurso a esse público em situação de vulnerabilidade.

O conceito de casa originou-se do Império Romano, onde a casa possuía definições diferentes para o local rural onde era chamada de cabana, e no local urbano chamava-se Dômus. Com a superpopulação das cidades na época, as condições de higiene eram precárias. Desse modo a única estrutura que permaneceu em pé foi da igreja, que passou a ser chamada de Dômus, e as casas comuns, chamadas de habitação humana.

A casa como habitação é uma projeção do homem que vive no mundo, que existe no mundo, traz também o reflexo da sua personalidade. Satisfazendo assim, as necessidades fisiológicas e psicológicas do indivíduo (FELIPPE, 2010).

O estilo de vida e o clima do local são parâmetros decisivos para a definição da configuração e a forma de uma casa. É diante da casa que a sua região em que esta inserida pode ser categorizada, através de vertentes como, as mudanças históricas, sociais, nível de desenvolvimento econômico e técnico. Os moradores de uma casa podem transforma-la em um lar, porém este termo é sempre confundido com casa.

O sentido da palavra “Lar” vem do sentido de cozinha, onde se dá o fogo, que sucede a lareira, que de forma primitiva, possui função de aquecer a cabana, reunindo ao seu redor todos os ocupantes da moradia, possibilitando então um laço familiar. Portanto a casa possui sentido de proteção individual e o lar, de proteção coletiva (MIGUEL, 2002).

A casa é então interiorizada por nós como nosso refugio, lugar de paz e proteção, nas palavras de MIGUEL, 2002:

Cabanas, Dômus, Castelos, Villas, Palazzos, são denominações históricas do espaço unifamiliar. São representativas da arquitetura mais elementar, mais próxima e utilizável pelo ser humano, considerada a sua real terceira pele, logo após a epiderme e a roupa que o protege do meio ambiente onde vive. Entretanto, haverá uma palavra que, independente das classes sociais, sintetizará toda noção de habitação privada: a casa.

Levando em consideração análise do autor, a casa é um bem social necessário para todos, e possui importância equivalente para toda e qualquer

classe. Independentemente de como é a casa ou a quem ela pertence, terá sempre a essência e sentido de proteção e acolhida de forma igual.

Com base nesse entendimento, é importante levar em consideração que o abrigo institucional possa garantir essa mesma essência de lar para seus acolhidos, fazendo com que se sintam protegidos, em conforto e acima de tudo, se sintam pertencentes a sua moradia, mesmo que essa seja de caráter provisório.

Todo ser humano necessita ter um lar, onde ali possa se recolher, se concentrar sem ser interrompido, acolher seus bens e pertences essenciais para sua sobrevivência, quando não temos um lugar para chamar de nosso, não é possível sabermos onde estamos (HERTZBERGER, 1999).

Dessa forma, nesse contexto de moradia, o sentido de casa já não se dá por elementos psicológicos, mas sim por elementos primitivos, o de sobreviver. A primeiro instante o que realmente importa para o ser humano quando pensa em moradia, é em possuir um teto para se abrigar sob ele. E é a partir desse contexto que os aprimoramentos do aspecto físico da casa começam a tomar importância. E então, em segundo instante o sentido social de casa (lar) torna-se automaticamente importante, pois o indivíduo que possui um lar, terá conseqüentemente meios para uma vida saudável e digna.

A casa possui um significado importante na vida do ser humano. Tanto possui que, as normas que fundamentam as instituições de acolhimento, determinam que a construção se assemelhe ao máximo a uma residência comum.

CONTRIBUIÇÕES DA ARQUITETURA E PSICOLOGIA

Como visto anteriormente, a moradia é de suma importância para a vida e até para o desenvolvimento do ser humano de uma forma geral. Assim, as recomendações que a Arquitetura e a Psicologia estabelecem para as instituições de abrigo, contribuem com o bem-estar, e proporcionam relações sociais e de pertencimento das crianças e adolescentes abrigados e funcionários. Porém é necessário que haja uma intenção mútua de comprometimento assim como uma linguagem única da entidade como um todo, da parte administrativa e colaboradores da instituição.

Desse modo, a arquitetura deve servir também de estímulo para o corpo de funcionários, para que trabalhem motivados e conseqüentemente oferecendo bons

atendimentos aos acolhidos. Existem vários aspectos a serem pensados, que são levados em conta para que se tenha uma boa arquitetura, como: materiais, iluminação, escala entre outros. Aspectos que influenciam no comportamento humano.

Para um bom funcionamento da arquitetura é preciso dar importância à relação de escala do projeto, de forma a não superdimensionar os ambientes com medidas exageradas, ocasionando assim em muitos espaços ociosos. De modo que nos espaços menores, se cria maior articulação e possibilidades de uso. Tornando-se dispensável uma área muito extensa, uma vez que as atividades podem ser realizadas por grupos pequenos. (HERTZBERGER, 1999).

Ainda sobre espaços menores, Carvalho (2000) afirma que a redução das medidas e espaços na arquitetura, possibilita uma maior aproximação entre as pessoas que utilizam o edifício. Assim, nas instituições de acolhimento, o ambiente também influencia nas atividades de brincadeira e recreação, e jogos, que criam importantes relações de desenvolvimento cognitivo da criança. Atividades estas, que estão relacionadas a sensações e ludicidade.

Lúdico é um conceito que relaciona as atividades realizadas com a sensibilidade, pode ser considerada como necessidade básica da mente e do corpo. Toda e qualquer atividade que envolve ludicidade são voluntárias, exige que o ser humano tome decisões próprias.

Ainda sobre a ludicidade, ela está envolvida com a criatividade humana, proporcionando assim ambientes e objetos dotados por cor, com formas, linhas e escalas incomuns e variadas. Que devem servir de estímulo e motivação para a criança que está inserida a esse meio. É necessário que o lúdico esteja presente na vida do homem até a idade adulta, já que é uma condição que facilita a aprendizagem, se fazendo então, necessária até o fim da vida.

É possível também, atribuir ao conceito de ludicidade, outras definições já trabalhadas aqui, como a apropriação espacial e transformação do espaço físico em lugar subjetivo, que são vertentes preciosas para o desenvolvimento das crianças e adolescentes.

Considerando que a atividade lúdica é um condição essencial para o processo de aprendizagem, as instituições de abrigo devem introduzi-la no espaço cotidiano dos acolhidos. Uma vez que as crianças em processo de institucionalização tiveram

parte da sua condição de inocência perdida. Proporcionando assim, através dessa introdução maior sensação de prazer e criatividade entre elas.

A união da psicologia e da arquitetura possibilita a realização do espaço de uma forma completa e enriquecida de sentido, que resulta em uma edificação dotada de sensações que gera satisfação ao ser que nela habita. É através desse pensamento que se intenciona minimizar os efeitos negativos já internalizados nas crianças e adolescentes em processo de institucionalização.

Sendo assim, é extremamente importante a garantia da intimidade na vida do ser humano, ela ocorre integralmente no contexto de moradia, onde essa deve ser então um lugar que propicie apego, significado e memórias tornando –se assim, um veículo positivo no desenvolvimento da criança e do adolescente, principalmente quando estão em situação de vulnerabilidade (FELIPPE, 2010).

CONCLUSÃO

Como visto ao longo do trabalho, a importância da criança institucionalizada com o passar do tempo, foi conquistando aos poucos seu espaço e a garantia de seus direitos. Mesmo com toda a evolução e desenvolvimento nesse parâmetro,

ainda é possível encontrar atendimentos retrógrados, despersonalizados e de caráter repreensivo, punitivo. É importante lutar para erradicação desses sistemas, e proporcionar aos acolhidos melhores condições de vida, que favoreça seu desenvolvimento físico e psicológico. Para que isso ocorra é necessário colocar em evidência uma série de fatores e contribuições.

A arquitetura é um fator importantíssimo para essas contribuições. Proporcionando através de seu meio físico, relações de identidade, pertencimento e conforto. Já que o espaço possui total influência no modo como se dá o comportamento e sensações humana.

Por lei, o acolhimento institucional deve ser de caráter provisório e recorrido em ultimo caso. O convívio ou reintegração familiar devem ser constantemente incentivados. Porém quando ou enquanto isso não ocorre, o ambiente em que a criança vai passar a pertencer deve ser o mais apropriado possível.

Como foi abordado anteriormente, a arquitetura nesse contexto da institucionalização de crianças e adolescentes, deve possuir um significado maior do que simplesmente uma construção planejada. Ela deve ser dotada de sensibilidade, para atender todas as vertentes da psicologia e arquitetura, como a apropriação espacial, a identidade, sentido de espaço e lugar, significado de casa, e das próprias contribuições possíveis pelas duas áreas.

Dessa forma, para que haja melhorias integrais e significativas no âmbito das Instituições de Acolhimento, é necessário que se voltem mais os olhares das pessoas para com relação a esse tema. Visto que é dever da sociedade civil também se responsabilizar pelas crianças de uma forma geral.

REFERÊNCIAS

- AALTO, A. **La humanizacion de la Arquitectura**. 2. Ed. Barcelona: Tusquets Editores. 1982 pág 2.
- CAVALCANTE, H. B. K., & Guareschi, N. M. F. (2007). **Psicologia social comunitária e formação profissional**. *Psicologia & Sociedade*, 19(2), 100-108.
- DEL RIO, V. **Integrando a Psicologia e a Arquitetura e Urbanismo por meio do Projeto do Lugar**, Rio de Janeiro, 2002.
- Disponível em < www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos > acesso em 14 de maio de 2018.
- FELIPPE, M. L. **Casa: uma poética da terceira pele**. *Psicologia e Sociedade*, v 22, 2010.
- HERTZBERGUER, H. **Lições de Arquitetura**. Tradução de Carlos Eduardo Lima Machado. 2. Ed. São Paulo, 1999.
- MIGUEL, J.M.C. **Arquitextos, casa e lar: a essência da arquitetura**. Vitruvius, 2002.
- MOSER, G. **Psicologia Ambiental**. Estudos de Psicologia, 1998.
- MOURÃO, A.T; CAVALCANTE, S. **Identidade do lugar. Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- Novos rumos do acolhimento institucional / (organização) Maria Lucia Carr Ribeiro Gulassa**. – São Paulo: NECA – Associação dos Pesquisadores de Núcleos de Estudos e Pesquisas sobre a Criança e o Adolescente, 2010.
- ORIENTAÇÕES técnicas: **Serviços de acolhimento para crianças e adolescentes**. Brasília. 2009.
- SAVI, A. E. **Abrigo ou lar? Um olhar arquitetônico sobre os abrigos de permanência continuada para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social**. 2008. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar: A perspectiva da Experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo, 1983.